

## PERSPECTIVAS POLÍTICAS E MACROECONOMICAS PARA O BRASIL, 2003 – 2004

**Renata Marques de Oliveira Santos<sup>1</sup>, Edson Aparecida de Araújo Querido<sup>2</sup>**

1-Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas – FCSA – Universidade Vale do Paraíba – São José dos Campos - SP

Rua Azevedo Sampaio, 122 – Centro – CEP 12308-350 – renata@matrixinformatica.com.br

2- Professor Assistente Doutor – Universidade do Vale do Paraíba – Av. Shishima Hifumi, 2911 – Urbanova 12244-000 – São José dos Campos – SP – Brasil – [edson@vdr.cta.br](mailto:edson@vdr.cta.br) / [edsonaago@universiabrasil.net](mailto:edsonaago@universiabrasil.net)

**Palavras-chave:** Macroeconomia, Política Governamental, Economia Brasileira

**Área do Conhecimento:** VI - Ciências Sociais Aplicadas

**RESUMO:** Os aspectos macroeconômicos que mais chamam a atenção atualmente estão relacionados com as medidas que deverão ser tomadas, no curto e médio prazos, visando o crescimento econômico, principal instrumento para a viabilização social e política do País. Nas últimas semanas, o risco Brasil sofreu uma queda apreciável e também recuaram o dólar e os juros futuros. A melhora das expectativas – decorrente, sobretudo do cenário doméstico favorável – tem boas chances de se consolidar nos próximos meses, abrindo caminho para a retomada do crescimento ainda em 2003. É certo, porém, que ainda existem riscos ponderáveis para a concretização deste cenário positivo: a) o comportamento da inflação (caso os resultados positivos em relação à inflação e o recuo da taxa de juros demorem); b) uma eventual frustração das reformas com as quais o governo atual se comprometeu (que teria certamente um impacto muito negativo sobre as expectativas); c) o cenário externo (sobretudo pelas incertezas associadas aos desdobramentos da guerra contra o Iraque). No cenário básico apresentado neste trabalho, a inflação recuará nos próximos meses, viabilizando a redução gradual da taxa de juros básica pelo Banco Central. A taxa de câmbio deverá permanecer razoavelmente estabilizada, havendo uma retração severa do financiamento externo para a economia brasileira, e é bastante improvável que se assista neste ano a uma nova disparada do dólar. No entanto, cumpre dar um salto adiante, uma vez que estas características citadas, constituem apenas requisitos e nunca objetivos a serem consolidados.

### 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS:

#### O GOVERNO ATUAL

Desde sua eleição em outubro de 2002, o atual Presidente tem surpreendido os mercados positivamente:

a) *Nomeando uma equipe econômica reformista:*

- Ministro da Fazenda Palocci (anteriormente um prefeito reformista de Ribeirão Preto, SP), com um sólido grupo de economistas.
- Presidente do Banco Central Meirelles (anteriormente um importante executivo do banco FleetBoston), basicamente com a mesma diretoria de Armínio Fraga.

b) *Executando uma política monetária austera:*

- Três aumentos da taxa de juros (para 26.5% em fevereiro de 2003, de 22.0% em novembro de 2002.).

- Aumento do depósito compulsório sobre depósitos à vista para 60% em fevereiro de 2003 de 45% anteriormente.

c) *Implantando uma política fiscal prudente:*

- Aumento do superávit primário (fora juros) do setor público consolidado para 4.25% do PIB em 2003 (em relação aos previamente assentados 3.75%).
- Congelamento de R\$ 14bi no orçamento do governo federal (de um total de R\$ 62bi de despesas discricionárias).
- Conclusão bem-sucedida da segunda revisão trimestral do programa de US\$ 30bi do FMI de Setembro de 2002.

d) *Desenhando profundas reformas estruturais:*

- Acordo com os 27 governadores para uma ampla reforma do sistema de impostos indiretos.
- Discussão de uma importante reforma do sistema de previdência social para o

funcionalismo público no Fórum de Desenvolvimento Econômico e Social composto de 80 membros da sociedade civil.

- Apresentação no Congresso de uma proposta de reforma constitucional que abre o caminho para a autonomia do Banco Central.

Os mercados reagiram positivamente às aberturas do Presidente Lula, e o risco Brasil caiu acentuadamente, embora ainda haja um bom caminho até restabelecer-se a normalidade.

O Risco-Brasil é uma estatística, divulgada por um banco de investimentos norte-americano. Um grupo de especialistas faz as contas e divulga o índice todos os dias.

GRAFICO 1 – RISCO BRASIL – JAN-1999/ MAR-2003



Conforme Gráfico 1, o risco é calculado com base no valor dos títulos da dívida externa. É como se lá fora alguém estivesse de olho na capacidade brasileira de pagar o dinheiro que pegou emprestado. Os títulos são a garantia. Se a economia brasileira não vai bem - os títulos perdem o valor. E aí, na visão do mercado, aumenta o risco do Brasil não cumprir seus compromissos.

## 2. AJUSTES EXTERNOS E INTERNOS

Conforme visto no capítulo anterior, o risco Brasil sofreu uma queda apreciável nos últimos meses. A melhora das expectativas – decorrente, sobretudo do cenário doméstico favorável – tem

boas chances de se consolidar nos próximos meses, abrindo caminho para a retomada do crescimento ainda em 2003. É certo, porém, que ainda existem riscos ponderáveis para a concretização deste cenário positivo, sendo necessários alguns ajustes externos e internos, como veremos a seguir.

### 2.1. AJUSTE EXTERNO – I: TAXA DE CÂMBIO REAL

A taxa de câmbio real é o quociente dos preços nacionais e preços externos, medido na mesma moeda. A taxa de câmbio real mede a competitividade de um país no comércio internacional.

GRAFICO 2 – TAXA DE CÂMBIO REAL – JAN-1980/ JAN-2004



A extraordinária desvalorização do Real desde Janeiro de 1999 coloca a taxa de câmbio em relação ao dólar, ajustada pela inflação relativa de preços ao consumidor, em níveis comparáveis aos mais elevados que se observaram na década de 1980, conforme Gráfico 2.

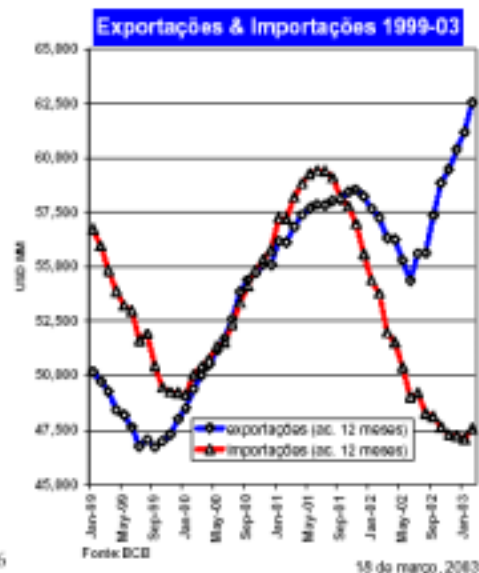
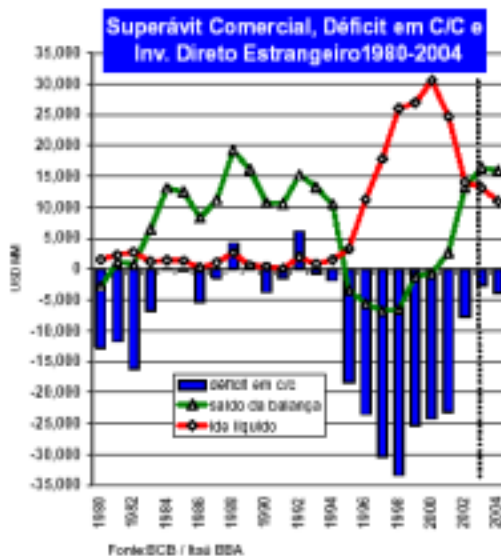
## 2.2. AJUSTE EXTERNO – II: SUPERÁVIT COMERCIAL

O Brasil vem enfrentando dificuldades na atração de fluxos externos, como indica o desempenho da conta de capital. Os resultados da

balança comercial vêm concorrendo positivamente para a melhora da conta de transações correntes, que tem seu déficit reduzido desde outubro de 2001.

Conforme Gráfico 3, em 1984-93, o país gerou superávits comerciais de S\$13bi por ano em média, com uma conta corrente próxima de zero. Resultados similares estão sendo observados desde 2002, com mais investimento direto estrangeiro (IDE).

GRAFICO 3 – SUPERAVIT COMERCIAL – 1980/2004



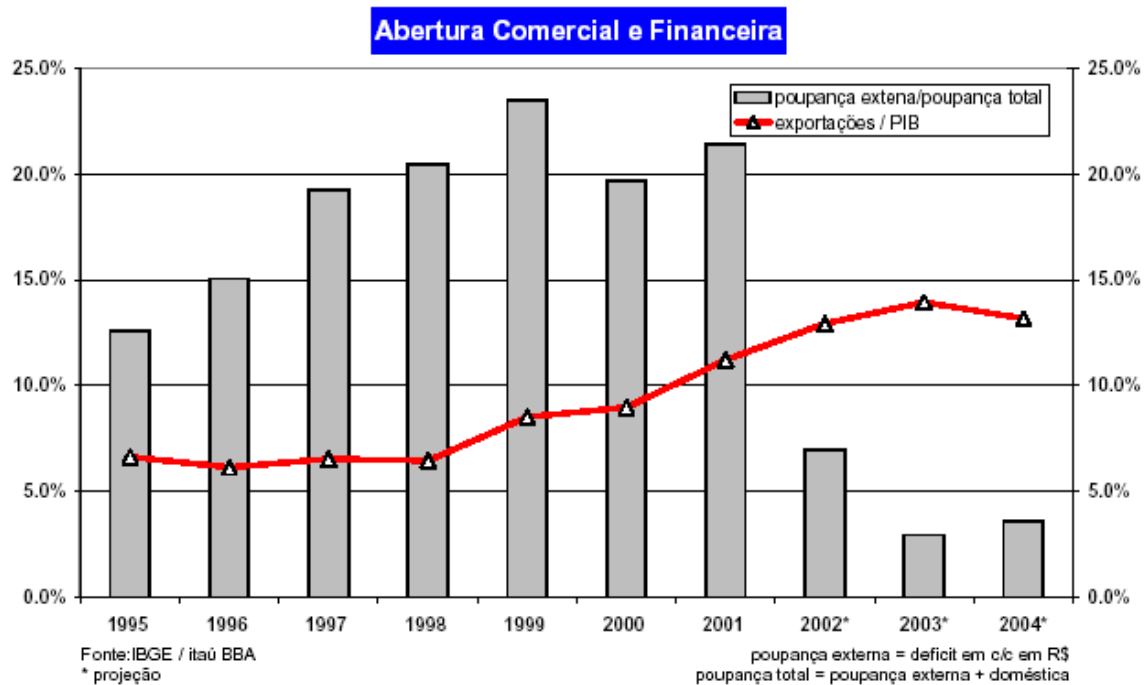
Por outro lado, o crescente saldo comercial vem sendo obtido mediante a redução das importações, o que reflete na retração do nível de atividade interno. Foi pensando na geração de reservas internacionais para o Brasil que será feita esta análise retrospectiva da Balança Comercial no país. Sabe-se que para a sustentação da economia brasileira, bastante endividada, é fundamental a geração de superávites comerciais para garantir a entrada de dólares em nossa economia como

alternativa à já referida retração dos fluxos de capitais.

### 2.3. AJUSTE EXTERNO – III: SIMETRIA NA ABERTURA EXTERNA

A abertura financeira enquadra-se dentro das reformas estruturais que compõem a concepção hegemônica de desenvolvimento, em voga nos últimos anos, conforme Gráfico 4.

GRAFICO 4 – ABERTURA COMERCIAL E FINANCEIRA – 1995/2004



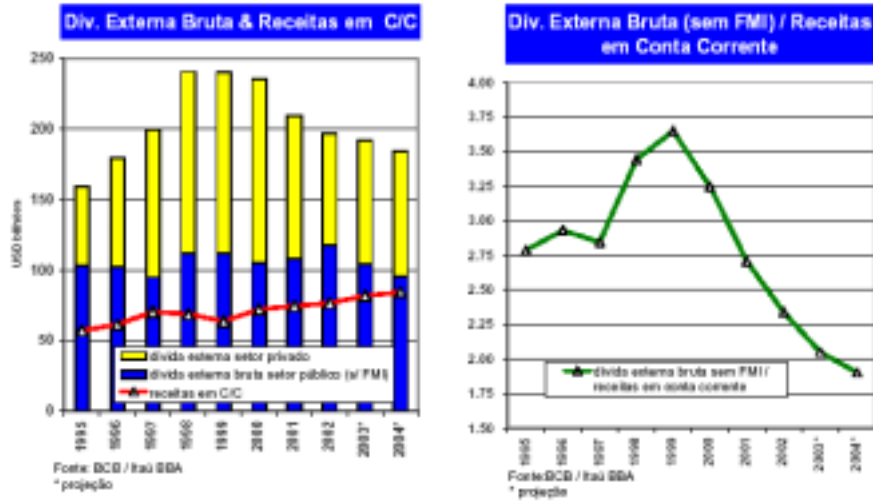
Pode-se entender essa abertura como o aumento da facilidade com que os residentes de um país podem adquirir ativos e passivos denominados em moeda estrangeira e os não-residentes podem operar nos mercados financeiros domésticos.

A assimetria, no plano Real, entre uma dependência financeira externa excessiva e uma propensão reduzida a exportar, está sendo mais do que corrigida desde 2002.

### 2.4. AJUSTE EXTERNO – IV: RELAÇÃO DÍVIDA/EXPORTAÇÕES

A base estreita e precária do crescimento brasileiro que se revelou ao longo dos anos consiste no fato de que tivemos um dos casos mais típicos de desenvolvimento endividado. Foi preciso contrair uma dívida externa pesada para completar a insuficiência da poupança nacional e manter as altas taxas de crescimento.

GRAFICO 5 – DÍVIDA EXTERNA BRUTA E RECEITA – 1995/2004



## 2.5. AJUSTE EXTERNO – V: CONTAS EXTERNAS

Conforme Gráfico 5, o crescimento das exportações e a redução da dívida externa estão colocando em níveis razoáveis a relação entre a dívida externa e as receitas sem conta corrente.

O ajuste nas contas externas é o primeiro passo para a criação de um ciclo virtuoso de crescimento na economia, haja vista a grande queda da vulnerabilidade externa e da necessidade de financiamento.

TABELA 6 – BALANÇA DE PAGAMENTOS – 2001/2004

Balanço de pagamentos ( USD bilhões )	2001	2002	2003	2004
<b>Balança comercial (1)</b>	2,6	11,1	16,4	15,3
Exportações	58,2	60,4	66,3	68,1
Importações	55,6	47,2	49,9	52,3
<b>Serviços e rendas (2)</b>	(27,5)	(23,3)	(21,3)	(22,1)
Serviços	(7,7)	(5,1)	(4,4)	(4,9)
Rendas	(19,7)	(18,2)	(17,4)	(17,2)
das quais juros do governo (impacto nas reservas)	(4,0)	(4,2)	(4,3)	(4,0)
<b>Transferências unilaterais (3)</b>	1,5	2,4	2,7	2,5
<b>Conta corrente (4) = (1)+(2)+(3)</b>	(23,2)	(7,8)	(2,8)	(3,7)
<b>Investimento estrangeiro direto (5)</b>	22,5	16,6	13,2	11,0
IED (Conta corrente)	97%	293%	478%	294%
Privatizações + swaps + empréstimos intercompanias	9,0	8,2	3,9	1,0
Outros IED	13,5	8,3	9,2	10,0
<b>Outros investimentos** (6)</b>	3,1	(1,2)	(0,4)	(0,2)
<b>Ancorizações (7)</b>	(35,9)	(31,1)	(29,1)	(26,5)
Financiamento de importações	(11,3)	(13,5)	(11,6)	(11,0)
Notas e Commercial Papers	(11,2)	(10,2)	(9,4)	(8,3)
Empréstimos diários	(3,6)	(3,7)	(3,7)	(3,2)
Bônus e financiamentos à importação (governo)	(9,7)	(3,7)	(4,6)	(4,0)
<b>Necessidade de fin. externo líquido de IED (8) = (4)-(5)-(6)</b>	(33,5)	(23,5)	(19,1)	(19,4)
<b>Financiamento de médio/longo prazo (9)</b>	34,6	18,7	17,2	19,2
Financiamento à importação	12,6	10,2	10,4	9,7
Notas e Commercial Papers	7,4	2,1	4,2	3,3
Empréstimos diários	5,0	2,3	2,6	3,2
Emissões do governo	9,7	4,1	0,0	3,0
<b>Financiamento de curto prazo líquido (10)</b>	(4,9)	(4,6)	1,0	0,2
<b>Oscilação de reservas internacionais (11) = (8)-(9)-(10)</b>	2,9	2,0	(0,1)	(0,0)
<b>Desembolsos FMI (12)</b>	6,4	11,4	9,8	(0,1)
<b>Oscilação de reservas internacionais líquidas (13) = (11)-(12)</b>	(3,8)	(9,4)	(0,9)	0,1
Intervenções no mercado à vista do câmbio	(3,1)	(9,1)	1,8	2,0
<b>Reservas Internacionais ( definição de liquidez int.)</b>	35,9	37,9	37,7	37,7
<b>Reservas internacionais líquidas</b>	27,8	14,3	13,3	13,3
Excesso de Bradios em reserva	0,0	2,8	2,8	2,8
Posição junto ao FMI	8,1	20,8	21,7	21,7
**Inclui investimento em portfólio, investimento de brasileiros no exterior e derivativos.				

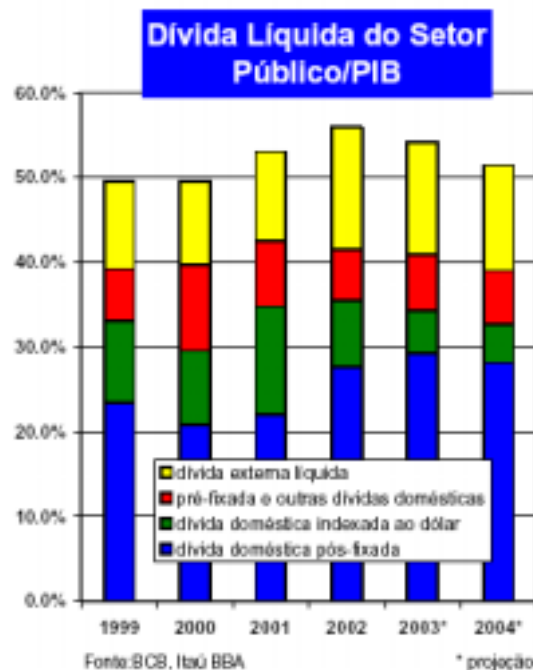
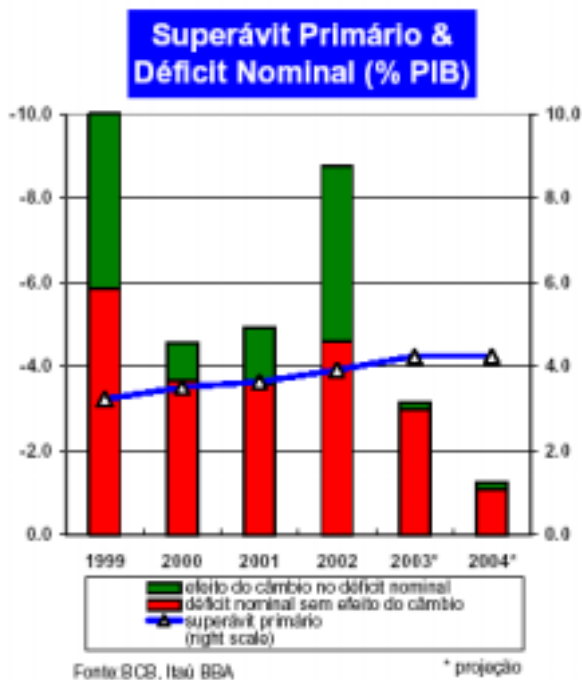
Conforme Tabela 6, verifica-se uma melhora da conta corrente, e as necessidades de financiamento externo em 2003 e 2004 estão muito reduzidas, com uma contribuição pequena do FMI.

## 2.6. AJUSTE DOMÉSTICO – I: CONTAS FISCAIS

As contas fiscais continuam em ordem, à luz da espantosa evolução observada no início do ano de 2003.

Mais uma vez a inflação fez sua contribuição, mas a verdade é que essa contribuição já tinha ocorrido no último trimestre de 2002 (de maneira menos visível, pois o último trimestre é sazonalmente fraco para as contas fiscais), e na verdade não há nenhuma razão para deixar passar essa oportunidade de reduzir os gastos como proporção do PIB.

GRAFICO 7 – SUPERAVIT PRIMÁRIO E DÉFICIT NOMINAL – 1999/2004



Conforme Gráfico 7, observa-se que o superávit primário mais elevado, de 4.25% do PIB, é mais do que suficiente para estabilizar a relação entre a dívida líquida do setor público e o PIB em 2003 e 2004.

## 2.7. AJUSTE DOMÉSTICO – II: INFLAÇÃO

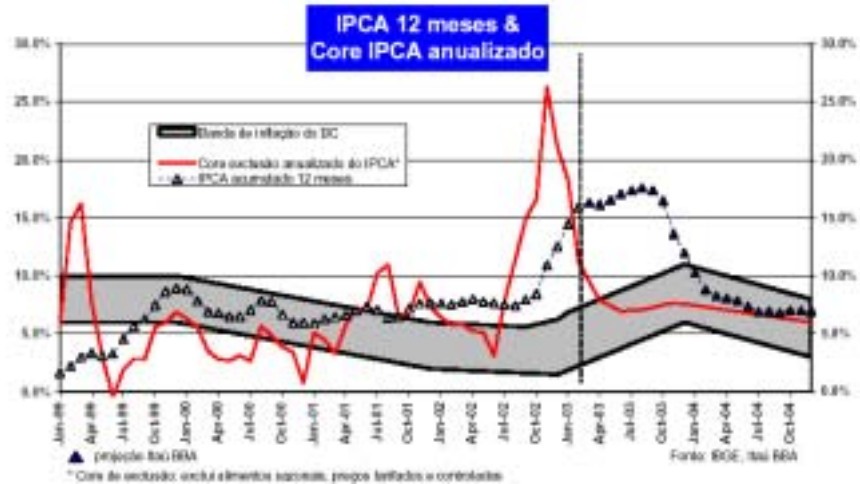
Os regimes de metas inflacionárias têm uma virtude adicional: criam uma estrutura em que o

banco central pode, ao mesmo tempo, ser independente e

submeter-se aos controles democráticos. Enquanto o governo cuida de estabelecer a meta de inflação desejável, deixa a cargo do operacionalmente independente banco central a decisão de como tal objetivo será perseguido.

Conforme Gráfico 8, a inflação, fortemente afetada nos últimos meses pela desvalorização cambial, só recentemente começou a declinar.

GRAFICO 8 - IPCA – 1999/2004

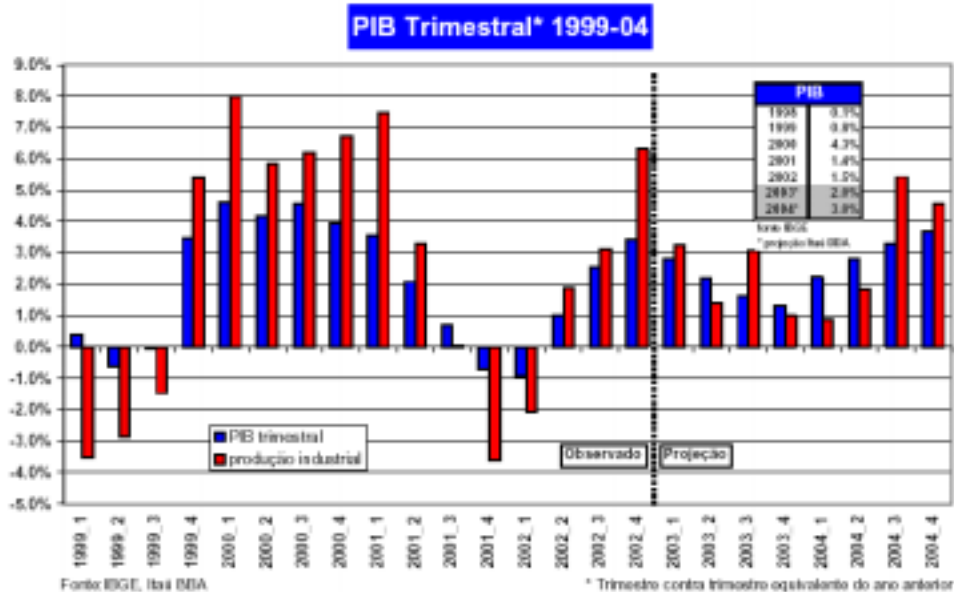


## 2.8. AJUSTE DOMÉSTICO – III: CRESCIMENTO

O crescimento econômico se coloca como a grande panacéia para enfrentar os desafios do subdesenvolvimento. É através do crescimento econômico que se gera mais empregos, mais lucros, prosperidade, novos impostos, novos gastos sociais, melhores salários e novas oportunidades de qualificação e desenvolvimento.

O Produto Interno Bruto (PIB) é a medida do produto gerado na economia durante um determinado período de tempo. A sua variação anual reflete o quanto a economia produziu a mais, ou a menos, que no ano anterior. Por outro lado, é muito importante relacionar o crescimento da produção com o da população do país, pois, esta relação que determinará se, na média, a população está "enriquecendo" ou não.

GRAFICO 9 - PIB – 1999/2004



Conforme Gráfico 9, o crescimento econômico deverá recuperar-se em 2004, uma vez que a inflação esteja sob controle. Discute-se como promover o crescimento econômico, assumindo-se que todo o crescimento é positivo e bom para as respectivas economias e sociedades.

### 3. DESAFIOS DO ATUAL GOVERNO

Os desafios do atual governo, conforme veremos a seguir, serão muitos. É preciso garantir uma ampla aliança para avançar nas reformas do Congresso, que serão essenciais para as decisões de governo, além de vencer a oposição interna que se posiciona total ou parcialmente contra o governo.

#### a) Reformas no Congresso:

- Autonomia do Banco Central: Isto requer a aprovação de uma emenda constitucional, seguida por uma lei complementar.
- Previdência social: A proposta do governo deverá envolver emendas constitucionais complexas, lidando com os privilégios de aposentadoria dos funcionários públicos.
- Reforma tributária: Esta também deve envolver emendas constitucionais complexas, lidando com o ICMS e os impostos federais em cascata, além da extensão para além de 2003 do CPMF.
- Privatização dos bancos estaduais: Isto não depende de autorização legislativa adicional, mas seria um bom teste da disposição do Presidente Lula de ignorar a oposição interna à privatização. É parte integrante do acordo com o FMI.

#### b) Oposição Interna:

- Fantasma do Plano B: Economistas tradicionalmente associados ao PT estão propondo substituir atuais propostas, por fortes reduções nos juros acompanhadas por controles de preços.
- Acomodação inflacionária: Algumas associações de industriais com o apoio do governo estão propondo uma política de expansão de crédito com recursos dos bancos oficiais.
- MST e a esquerda radical: O Movimento dos Sem-Terra retomou a invasão de propriedades rurais, com o apoio

aparente de representantes do governo que gostariam de ver aliviada a legislação contra tais invasões.

- Política energética e de telecomunicações: As pressões dentro do governo parecem aumentar para renegociar os contratos de concessão.
- Resistência aos acordos comerciais: As pressões são fortes dentro do governo para postergar as negociações para liberalização do comercial, especialmente com os EUA.

São desafios complexos que irão se impondo na agenda do próximo governo passo a passo. Na medida em que eles forem superados, importantes espaços irão se abrindo para a volta do crescimento e a melhora das condições sociais e políticas do País.

### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dessas transformações estruturais (abertura, crescimento da produtividade, privatização, estabilização, investimento estrangeiro, mais a valorização da democracia, a cultura da concorrência e da economia de mercado e a cultura do antiprivilégio), as perspectivas de curto prazo, mesmo a taxa do câmbio, sempre pareceram questões menores, desde que se abandone o modelo econômico baseado na mobilização intensa de recursos comandada pelo Estado, para um desenvolvimento econômico baseado em criatividade, educação, produtividade, tecnologia, abertura e democracia.

Os aspectos macroeconômicos que mais chamam a atenção atualmente estão relacionados com as medidas que deverão ser tomadas, visando o crescimento econômico, principal instrumento para a viabilização social e política do País, na medida em que propiciariam as condições para a criação de empregos e para a expansão estável do setor produtivo.

Certamente o País já percorreu um longo caminho no sentido de ultrapassar os primeiros obstáculos de um plano desta envergadura, quais sejam, equilíbrio monetário, estabilidade política e a existência de instituições econômicas duradouras. No entanto, cumpre dar um salto adiante, uma vez que estas características citadas constituem apenas requisitos, nunca objetivos a serem consolidados.

## 5. BIBLIOGRAFIA

KILSZTAJN, S. *Déficit e Dívida Pública*. São Paulo, Educ, 1996.

LEITE, J. A. A. *Macroeconomia - Teoria, Modelos e Instrumentos de Política Econômica*. São Paulo, Atlas, 2000.

VANCONCELLOS, M. A. S., *Economia Micro e Macro*. São Paulo, Atlas, 2000.

BANCO CENTRAL

06/2003 - <http://www.bcb.gov.br>

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA

06/2003 - <http://www.ibge.gov.br>

SECRETARIA DO TESOURO NACIONAL

06/2003 - <http://www.tesouro.fazenda.gov>.